

Cadilhe, Gonçalo

(1968 -)



Nascido na Figueira da Foz, na reta final da década de sessenta, é desde muito cedo que Gonçalo Cadilhe vive a experiência da deslocação na sua passagem pelos escuteiros. Na verdade, a sua paixão pelas viagens e pelo surf na adolescência assume-se como fator determinante de um projeto de vida, em que o sedentarismo é olhado com displicência e desencanto, em prol da vertigem e da aventura. Neste quadro, a sua condição de viajante e de deambulador tem ancoragem na leitura de *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, obra que, aos vinte anos, impeliu o autor a viajar a Roma para poder ler os últimos capítulos na Villa Adriana. Nas palavras de Gonçalo Cadilhe, esta obra assume-se como livro matricial no seu percurso viático, no sentido em que talvez pudesse encontrar aí a raiz da sua atração pela componente literária de qualquer experiência de viagem. Por esta razão, de nada lhe valeu a licenciatura em Gestão de Empresas e a estabilidade frívola e deslumbrada de um emprego fixo, de horários rígidos. De facto, o fascínio de ler e viajar prevaleceu e está bem presente nas crónicas semanais que escreveu e enviou para a revista *Única do Expresso* e para a *Grande Reportagem*, ao longo da sua volta ao mundo, em quase todas as crónicas aparecendo referida uma obra, em sintonia com a geografia que atravessa e descreve.

Nas suas deslocações, confluem então os papéis de cronista-escritor-viajante-jornalista, num registo poroso e fluído que tão bem caracteriza a escrita de viagem. Atente-se nas palavras do autor: “O que me preocupava era escrever bem, semana após semana. Captar o leitor, conquistar o espaço do *Expresso*, dar uma dimensão literária à minha volta ao mundo. O objectivo final, para mim, não era terminar a viagem – era editá-la em livro. Só agora chego, por fim a casa” (Cadilhe, 2007:9). Esta dimensão de que fala Cadilhe pode ser entendida como uma prática de escrita sobre a viagem levada a cabo por um sujeito autoral inserido num contexto multicultural e multidisciplinar que corporiza a condição do *homo viator* eivado de um propósito estético e ontológico. Deste modo, o autor consubstancia uma escrita de

Cadilhe, Gonçalo

viagem formatada num registo jornalístico, em partilha com um leitorado multifacetado que viaja pelas páginas dos seus livros, construídos a partir de “uma antologia pessoal escolhida entre centenas de reportagens” (Cadilhe, 2006:12).

Neste sentido, a consolidação da imagem do escritor decorre também da qualidade das obras/autores convocados. Assim, de entre uma vastíssima constelação de escritores que compõem a sua biblioteca mental, destacam-se algumas figuras recortadas de um painel polimórfico e polifónico que o ajudaram a viajar melhor pelo mundo, permitindo um profundo diálogo inter e transtextual. Assim, *Il Maiale ed il Grataciello* de Marco d’Eramo, lido nos Estados Unidos, na Bolívia *Las Venas Abiertas de América Latina* de Eduardo Galeano, na Indonésia *Among the Believers* de V.S. Naipaul, na Índia *Vislumbres da Índia* de Octavio Paz e *Uma Ideia da Índia* de Alberto Moravia, e no Irão *In Search of Zarathustra* de Paul Kriwazek, destacam-se como alguns dos exemplos citados pelo escritor-viajante, revelando a presença de um filão autobiográfico que atravessa o corpo narrativo da viagem efetivamente acontecida e da viagem textual.

Se é certo que a viagem pode realizar-se sob os mais variados processos, para Cadilhe o avião surge como o último recurso, privilegiando a caminhada como o meio de deslocação por excelência, o qual, a par da solidão, da bagagem que transporta, do alojamento que eleger e dos encontros com o Outro, possibilita um melhor cruzamento de fronteiras e uma conquista no espaço editorial. Na verdade, a experiência viática cadilhiana não se confina à simples deslocação pelas paisagens humanas e geográficas, emerge como um jogo de espelhos em que o Eu e o Outro se entreolham de muito perto, propiciando viagens/deslocações outras e contribuindo para a instauração de uma poética do género numa conformação transnacional.

Passagens

Europa, América do Norte, América Latina, América do Sul, Extremo Oriente, Médio/Próximo

Cadilhe, Gonçalo

Oriente, Oceânia, África.

Citações

Um dos livros que ando a ler, *Il Grande Maré di Sabbia*, fala do deserto. Foi quase uma premonição tê-lo escolhido como companheiro de viagem porque o autor, Stefano Malatesta, descreve o deserto como quem atravessa o mar – com paixão pela travessia mas com urgência na chegada. (*Planisfério Pessoal*, p. 23)

Viajar pressupõe o movimento, a travessia, o testemunho, o contacto visual. (*A lua pode esperar*, p. 243)

O Sol começa a descer no horizonte, o gado recolhe às sanzalas, e eu sinto já que Angola me vai ser muito congénita, muito emocional. (*África acima*, p. 93)

Magalhães, impressionado com os mocassins de pele de guanaco do selvagem, que deixavam enormes pegadas na areia, chama-lhe «patagão». E assim nasceu o nome da última região antes do fim do mundo, a Patagónia. (*Nos Passos de Magalhães*, p. 117)

Porquê Génova? Não saberia responder muito bem. Há razões objectivas, mas depois começa a «química» entre os homens e as cidades, e isso não se explica. É Génova a minha preferida. (*Tournée*, p. 163)

Bibliografia Ativa Seleccionada

CADILHE, Gonçalo (2006), *A lua pode esperar*, Lisboa, Oficina do Livro.

—, (2007), *Planisfério Pessoal*, Lisboa, Oficina do Livro.

—, (2007), *África acima*, Lisboa, Oficina do Livro.

—, (2008), *Nos Passos de Magalhães*, Lisboa, Oficina do Livro.

Cadilhe, Gonçalo

—, (2008), *Tournée. Textos e fotografias 1991-2008*, Lisboa, Oficina do Livro.

Bibliografia Crítica Seleccionada

SOARES, Maria Dulce (2009), *Gonçalo Cadilhe e a Outra face do mundo: viagens sobrepostas*. Tese de Mestrado em Literatura e Cultura Comparadas, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Dulce Soares (2011/11/14)